
CAMUS, Carmen Camus; CASTRO, Cristina Gómez; CAMUS, Julia T. Williams (orgs.). **Translation, Ideology and Gender**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2017. 190 p.



Lia MARTINS*
Universidade Federal do Ceará, Brasil

RECEBIDO EM: 10 de julho de 2019

ACEITO EM: 21 de agosto de 2019

PUBLICADO EM: janeiro 2020

Publicado em 2017 pela Cambridge Scholars Publishing, o livro *Translation, Ideology and Gender* tem origem no projeto de pesquisa chamado TRACEgenci (Traducción y Censura en la Representación del Género), financiado pelo Ministério da Inovação e Educação da Espanha e conduzido por um grupo de acadêmicos – e acadêmicas, sobretudo – da Universidade de Cantabria e da Universidade de León. Como resultado do projeto, foi realizada em 2015 na cidade de Santander, Espanha, a *First International Conference “Translation, Ideology and Gender”* [Primeira Conferência Internacional “Tradução, Ideologia e Gênero”], com o objetivo de investigar de que maneiras e sob que aspectos a representação de gênero pode ser filtrada por relações de poder e ideologia na tradução de textos científicos e literários. A partir das comunicações apresentadas na conferência, somadas aos estudos enviados em resposta à chamada de trabalhos que a sucedeu, foram selecionados nove artigos para compor o volume.

311

Após um breve capítulo de apresentação – assinado pelas organizadoras – da área de estudo e do perfil dos oito capítulos que se seguem, a obra se divide em três partes, que se propõem a abordar, respectivamente, a representação de gênero em traduções da área médica; de narrativas literárias e poesia; e, por fim, de forma mais ampla e teórica, as relações entre ideologia, políticas de gênero e identidade.

A primeira parte do volume, situada no contexto das ciências da saúde, é constituída por dois artigos. O primeiro deles, escrito pela pesquisadora romana Vanessa Leonardi e intitulado *Gender, Language and Translation in the Health Sciences: Gender Biases in Medical Textbooks* [Gênero, língua e tradução nas ciências da saúde: vieses de gênero em manuais

médicos], põe em xeque as pretensões de neutralidade e objetividade por parte da linguagem científica, demonstrando a presença marcada de um viés de gênero – orientado por uma ideologia sexista hegemônica – em manuais médicos traduzidos para o italiano. Com base na noção de que as línguas e seus usos são atravessados por relações de poder, a autora aponta a tradução como um dos campos mais férteis para o estudo das mudanças ideológicas e da manipulação da linguagem. A partir de uma definição precisa de sexismo – conceituado como as diferentes formas de discriminação baseadas no gênero e o consequente desequilíbrio de poder entre homens, vistos como legítimos detentores de uma posição de supremacia, e mulheres, tratadas como seres inferiores e menos importantes –, Leonardi delimita a interseção, na qual inscreve sua pesquisa, entre estudos da tradução, ideologia e feminismo, visando identificar e resistir às formas como o uso da língua reflete, reforça e perpetua a desigualdade de gênero na sociedade.

Leonardi empreende um estudo comparativo de *corpus* com o propósito de investigar o fenômeno do viés de gênero em manuais de anatomia traduzidos para o italiano, a partir da análise do elementos textuais, verbais e não-verbais, que compõem as obras – tanto os textos-fonte quanto as traduções. A constatação mais proeminente da pesquisadora se refere ao apagamento linguístico do feminino na tradução, tendo em vista que, na absoluta maioria do *corpus* analisado, termos neutros na língua de partida são vertidos por termos masculinos na língua de chegada; assim, muitos manuais de anatomia *humana* [*human*, em inglês, ou *des Menschen*, em alemão] se tornam, em italiano, manuais de anatomia *do homem* [*dell’Uomo*]. A autora observa, ainda, a expressão reforçadora de expectativas de papéis de gênero nos textos-fonte e especialmente nas traduções: há um exemplo emblemático em que o trecho em inglês *the physician and nurse*, sem marcação de gênero, se torna, no texto de chegada, *il medico e l’infermiera* [o médico e a enfermeira] – reproduzindo e reafirmando o estereótipo do homem como figura de autoridade e detentor do conhecimento, e da mulher em posição subordinada, com atribuições relacionadas ao cuidado.

O segundo e último capítulo a compor a primeira parte, intitulado *Linguistic, Economic, Educational and Geographic Barriers Deprive Most Amazigh Women of Adequate Health Care* [Barreiras linguísticas, econômicas, educacionais e geográficas privam a maioria das mulheres amazigh de cuidados de saúde adequados], é também o elemento mais anômalo da obra: trata-se de um relato descritivo, de cunho sociológico, sobre um cenário no qual a língua aparece como um fator crucial na opressão étnica sofrida pelo povo amazigh – opressão que é reflexo da dominação colonial do Marrocos, e que se faz sentir sobretudo pelas mulheres econômica e

geograficamente mais desfavorecidas, demonstrando assim toda a interseccionalidade de gênero, raça e classe que caracteriza não só as relações de (privação de) poder como também os usos linguísticos.

Escrito pela pesquisadora marroquina Keltouma Guerch, o artigo oferece um contraponto à perspectiva eurocentrada que domina o volume – o que não deixa de ser essencial em uma obra que trata, justamente, da confluência entre língua, poder e ideologia, e que traz uma perceptível influência dos estudos pós-coloniais. No entanto, Guerch, que é professora de inglês com doutorado em discurso colonial e pós-colonial, tem pouca ou nenhuma aproximação com o campo dos estudos da tradução – de fato, o tema não é mais que tangenciado nesse capítulo, o que, pelo contraste com seu peso nos demais capítulos e no próprio título da obra, compromete a unidade do volume.

A segunda parte, focada na convergência entre gênero e literatura, é também a mais extensa da obra, sendo composta por quatro capítulos. No primeiro deles, que tem por título *Simone de Beauvoir: Censorship and Reception under Francoism* [Simone de Beauvoir: censura e recepção sob o franquismo], a pesquisadora catalã Pilar Godayol oferece um retrato detalhado do funcionamento da censura editorial na Espanha sob o regime franquista (1939-1975) a partir de um estudo de caso: a tradução do seminal ensaio feminista *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir, publicado na França em 1949.

Godayol destaca três momentos modelares da recepção da obra da existencialista francesa na Espanha. O primeiro ocorre em 1949, por obra de uma resenha incendiária do ensaio; o segundo, em 1955, é marcado por uma tentativa frustrada de importar a tradução argentina; o terceiro e último momento compreende o período entre 1965 e 1967, correspondente aos trâmites burocráticos para que fosse publicada a tradução catalã de *Le deuxième sexe*, 19 anos depois da publicação original em Paris, 15 anos depois da tradução inglesa e 14 anos depois da tradução argentina. Paralelamente a essa linha do tempo, a pesquisadora delinea, por fatos e dados concretos, o efeito estrangulador da censura sobre o desenvolvimento da cultura e, mais especificamente, do mercado editorial espanhol durante a ditadura franquista, ao mesmo tempo em que demonstra a influência de Beauvoir sobre o pensamento dissidente progressista espanhol e a causa antifascista – que ela chegara a abraçar no período da Guerra Civil –, contra todo o esforço despendido para reduzi-la ao silêncio.

O capítulo seguinte, intitulado *Rewriting and Sexual (Self) – Censorship in the Translation of a Canadian Novel* [Reescrita e (auto-)censura sexual na tradução de um romance canadense], é escrito por Pilar Somacarrera, professora de literatura canadense na Universidade

Autônoma de Madri. A partir de um estudo de caso da tradução do romance *A Jest of God*, de Margaret Laurence, para o espanhol durante o regime de Franco, Somacarrera desenvolve um estudo histórico e sociológico, mais amplo que o do artigo anterior, sobre as bases e o funcionamento da censura editorial no período. A ditadura franquista foi marcada por um rígido controle de toda a produção intelectual escrita, traduzida ou importada, por meio de censura prévia, visando à prevalência da doutrina do regime (baseada na moral católica) e dos ideais de “reconstrução nacional”.

Trabalhando com um referencial teórico de cunho pós-estruturalista, a autora inicia por estender o entendimento de censura para além da supressão governamental propriamente dita, a partir da noção bourdieuniana de “censura estrutural” – um processo discursivo que molda os próprios limites do que pode e do que não pode ser dito, sob risco de deslegitimação social – e da referência de Judith Butler a uma “censura implícita” – que opera em um nível anterior à expressão, como norma constitutiva pela qual o dizível se diferencia do indizível. Com base nesse arcabouço conceitual, Somacarrera conduz sua análise das provas tipográficas da tradução de *A Jest of God*, destacando as principais ocorrências de supressão e reescrita de passagens de conteúdo controverso (principalmente sexual, mas também religioso) por parte dos tradutores e detalhando suas estratégias de eliminação, distorção e atenuação, cujo objetivo seria evitar uma descaracterização maior da obra por parte dos censores ou mesmo sua completa interdição – uma possibilidade que estava permanentemente no horizonte do período, como observado no caso de *Le deuxième sexe*.

O artigo subsequente, que constitui o sexto capítulo da obra, é também seu elemento mais frágil. Intitulado *Woman's Sickness in Literature: The Use of Poisons in Novels* [Adoecimento feminino na literatura: o uso de venenos em romances], o texto escrito pela professora da Universidade de Cantábria Lourdes Royano Gutiérrez se propõe a abordar o emprego de venenos em narrativas literárias, com base em uma análise do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e do conto *The Thumb Mark of St. Peter*, de Agatha Christie, interseccionando o campo médico a partir de descrições detalhadas do efeito de tais substâncias. Em que pese iniciar-se com uma proposta relevante – uma análise literária a partir da morte da protagonista –, o desenvolvimento de tal proposta é impedido pelo próprio *corpus*, uma vez que no conto de Agatha Christie a personagem envenenada não é feminina, tampouco protagonista.

Royano Gutiérrez tece considerações esparsas sobre o uso de venenos em romances, seguidas pelos dois estudos de caso mencionados, ambos frouxa e isoladamente conduzidos, cujo propósito resta desconhecido para o leitor: não se observa entre os textos analisados

qualquer tentativa de diálogo, contraste ou comparação. Não há, por fim, uma justificada ligação do artigo ao eixo temático da obra, em nenhuma de suas frentes: não se fala de tradução, e as convergências potenciais com a questão de gênero restam inexploradas.

O sétimo capítulo do volume – e último texto da segunda parte – é o único de autoria masculina. Intitulado *The Role of Women in English-Language Poetry Translation during Postwar Spain (1939-1983)* [O papel das mulheres na tradução de poesia em língua inglesa durante a Espanha do pós-guerra (1939-1983)], é escrito pelo professor da Universidade de Cantabria, Sergio Lobejón Santos. O texto traça um panorama cultural da Espanha no período pós-Guerra Civil – que corresponde ao regime franquista já abordado por Godayol e Somacarrera –, momento em que a situação econômica havia transformado livros em itens de luxo e muitos dos principais intelectuais da República haviam sido mortos no conflito ou fugido da perseguição do regime instituído pro Franco. Iniciou-se aí um forte processo de isolamento político e cultural que se estendeu por décadas, transformando a Espanha do pós-guerra em uma “geração sem professores”, que teve que reconstruir as fundações da cena literária nacional – no que a tradução de obras estrangeiras teve suma importância. Em tal conjuntura, Lobejón Santos investiga quais escritoras foram traduzidas, qual o papel das mulheres envolvidas na tradução, e quais os efeitos do aparato de censura franquista sobre a recepção de traduções de poesia de língua inglesa escrita ou traduzida por mulheres na Espanha no período.

Em decorrência da própria ideologia pela qual era orientada, a censura afetava desigualmente homens e mulheres: de acordo com os valores da tradição católica imperante, às mulheres estava reservado o domínio doméstico e o papel de esposas e mães, sendo sua presença no mercado de trabalho – e, por consequência, no mercado editorial – constantemente questionada. Tais valores reforçavam uma herança histórica de menosprezo e invisibilização da poesia escrita por mulheres – uma ideologia que se inscrevia na linguagem: a palavra espanhola *poetisa*, usada como contraparte feminina de *poeta*, encapsulava uma série de distinções terminológicas destinadas a manter a poesia masculina e feminina separadas, e era questionada por escritoras não só no período, mas desde o século XIX. O artigo demonstra, com dados quantitativos e qualitativos, que a contribuição de mulheres – escritoras e tradutoras – foi crucial no processo coletivo de reconstrução da cena literária e do mercado editorial na Espanha do pós-guerra. Seu reconhecimento, no entanto, foi bastante tardio, uma vez que o cânone literário continuaria sendo controlado pelos mesmos valores patriarcais do período franquista, fazendo com que mulheres fossem, e ainda sejam, sistematicamente excluídas de antologias poéticas.

A terceira e última parte da obra, voltada às relações entre ideologia, políticas de gênero e identidade, é composta por dois capítulos. No primeiro deles, intitulado *Context Matters: Feminist Translation between Ethics and Politics in Europe* [Questões de contexto: a tradução feminista entre a ética e a política na Europa], a pesquisadora italiana Eleonora Federici delinea um panorama dos estudos da tradução sob uma perspectiva de gênero. As diferentes concepções teóricas, abordagens metodológicas e escolhas práticas que constituem a multiplicidade do campo estariam, de acordo com a autora, unidas pela criticidade na escrita e na leitura, pela importância dada ao contexto linguístico e cultural, pelo relevo conferido ao gênero enquanto categoria na interpretação textual, pela noção de autoria feminina na escrita e na tradução, pelo reconhecimento da performatividade implícita no uso da língua e na produção de sentido, e pela atenção às implicações sociais, políticas e ideológicas dos textos.

A partir da práxis inaugurada por pesquisadoras canadenses como Barbara Godard, Sherry Simon e Luise von Flotow, na década de 1980 (o chamado *Canadian Factor*), Federici expõe o percurso histórico da tradução feminista na Europa, demonstrando que o campo teve pouca institucionalização acadêmica na forma de cursos ou programas próprios (quase inexistentes), mas, em contraste, enquanto área de pesquisa, conheceu amplo desenvolvimento em muitos contextos europeus, com diversas publicações não só no âmbito acadêmico, mas também no mercado editorial. Nesse cenário favorável, a Espanha ocupa posição de destaque, havendo também desenvolvimentos importantes na França, na Turquia e em países do leste europeu, como a Polônia. Federici analisa, na sequência, duas traduções, do inglês para o italiano, de textos cujas autoras deixaram intencionalmente o gênero (feminino) visível na linguagem – *Written on the Body*, de Jeannette Winterson, e *Daughters of the House*, de Michèle Roberts –, com o objetivo de apontar estratégias possíveis para se traduzir de uma perspectiva feminista, moldando a língua-meta de forma a desconstruir clichês de gênero e combater o apagamento do feminino.

O nono e último capítulo do volume, intitulado *Translation and Ideology: The Construction of Identity in Magazines Aimed at Women* [Tradução e ideologia: a construção da identidade em revistas para mulheres], é também, possivelmente, seu elemento mais original. A pesquisadora Irene Rodríguez Arcos, da Universidade de Salamanca, se propõe a analisar o discurso midiático a partir do estudo de caso de duas entrevistas traduzidas publicadas em revistas para mulheres na Espanha – e a única carência do artigo seria a ausência desse *corpus* como anexo, para que o público leitor pudesse acompanhar a análise de forma mais profícua.

Rodríguez Arcos pontua que a globalização trouxe uma hibridização de culturas sem precedentes, eliminando distâncias, dissolvendo fronteiras e permitindo o livre trânsito de pessoas, bens e discursos. Não se trata, no entanto, de um processo homogêneo – a autora avalia que, enquanto algumas vozes têm alcance global, outros grupos têm seus discursos ignorados ou silenciados pelas instituições que governam as atuais agendas internacionais. Os meios de comunicação, conscientemente, desempenham um papel crucial na separação entre os discursos considerados adequados para o consumo de massa e aqueles julgados irrelevantes ou hostis ao sistema capitalista. Nesse processo, a publicidade seria uma ferramenta privilegiada do exercício do poder da mídia na difusão de ideologias, sendo usada para homogeneizar a opinião pública por meio da promoção do consumo.

Em seu estudo de caso, Rodríguez Arcos observa uma relação simbiótica entre campanhas publicitárias e revistas femininas – não só pela abundância de anúncios nessas publicações, mas pela própria convergência discursiva (verbal e não verbal) entre os anúncios e as demais seções, ambos promovendo uma contínua insatisfação das mulheres em relação a seus corpos por meio da criação e veiculação de padrões irreais, de tal forma a fazer com que elas experimentem a aquisição dos produtos e serviços anunciados como um processo de libertação. Recorrendo a um referencial teórico que inclui os estudos descritivos da tradução de Gideon Toury, o pós-colonialismo de Spivak, Bhabha, Balibar e Wallerstein e o pós-estruturalismo de Foucault e Barthes, a pesquisadora investiga como a linguagem nas revistas femininas é moldada para promover uma ideologia universalizante de apelo ao consumo (de bens e de narrativas hegemônicas), incluindo o apagamento dos processos de mediação – processos tradutórios – constitutivos desses textos. Rodríguez Arcos reivindica novas perspectivas de tradução relativas à mídia, salientando a dimensão ética da prática e das narrativas cuja circulação ela promove, uma vez que, no mundo globalizado, o poder dos tradutores seria equivalente ao poder da própria linguagem.

Enquanto conjunto, pode-se apontar como fragilidade principal da obra seu aspecto fragmentário. Há uma tentativa de contorná-lo por meio da divisão em partes, que deveriam atuar como eixos temáticos de agrupamento dos artigos; no entanto, a referida fragmentação se manifesta até mesmo no interior de cada uma das três seções. Nota-se ainda uma presença excessiva de siglas (MIT, AGA, SIG, MA, ELT, LSP, UC), tornando a leitura menos fluida do que poderia ser. Uma ausência de padronização se faz notar, por exemplo, na grafia de Catalunha, que é trazida em inglês (*Catalonia*) na grande maioria de suas aparições no volume, à exceção do artigo de Pilar Godayol, em que aparece com a grafia catalã (*Catalunya*) –

possivelmente uma opção política da autora, que, no entanto, depõe contra a coesão do volume, e ressalta o fato de que um maior cuidado na revisão teria sido bem-vindo. Os ocasionais erros tipográficos e demais lapsos da edição, contudo, não chegam a perturbar a leitura de forma significativa.

Trata-se de uma obra multidisciplinar e intercultural, ainda que inegavelmente centrada da Europa ocidental, e que aborda – ou tangencia, em alguns casos – os estudos da tradução a partir da interseção entre os estudos culturais, os estudos de gênero, o pós-colonialismo e a episteme pós-estruturalista. Tal pluralidade de vozes e perspectivas tem considerável potencial agregador para os estudos da tradução enquanto fenômeno – agente e produto – da cultura.

* Lia Martins – Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (Poet/UFC) e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (2017) pela Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil.
Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/5533534829412303>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7083-0462>
E-mail: liabmartins@gmail.com